Problemática de informação ocupacional *

JOSÉ CAVALIERE FIGUEIREDO**

Gostaria de lembrar, mais uma vez, o objetivo desse nosso encontro: "analisar a situação da informação ocupacional no Rio de Janeiro". Vocês ouviram o Prof. Athayde relatar como nasceu a informação ocupacional; ouviram a Profa. Nilda falar sobre seus trabalhos, sua obra pioneira; mas pretendo aqui atuar um pouco como advogado do diabo. Vou adotar uma posição cartesiana e colocar em dúvida tudo o que se tem feito em informação ocupacional. Vou procurar dar um panorama do que seja a informação ocupacional, no momento. Inclusive a competição de mercado de trabalho que ela está causando.

Ela começou com os psicólogos, como um trabalho complementar da orientação profissional; depois os orientadores educacionais surgiram e também começaram a trabalhar com a informação ocupacional. E agora há um novo grupo que vai disputar o mercado: são os comunicadores sociais. Eles têm um certo direito porque informação ocupacional é comunicação, como vamos ver adiante.

Gostaria de tentar, em princípio, conceituar a informação ocupacional. Ela surgiu e cresceu entre nós de maneira estupenda. Muita gente está pegando o "bonde andando" e não sabe como ela veio. Nós mesmos, que há mais ou menos 20 anos começamos a desenvolvê-la, ficamos assustados de ver como que ela cresceu e como está se impondo.

Então vamos tentar conceituá-la, procurar os seus aspectos filosóficos e procurar analisar qual seria a melhor política da informação ocupacional. Será que existe algum aspecto ideológico na informação ocupacional? Muita gente não

* Palestra pronunciada na abertura do I Seminário de Informação Ocupacional, realizado nos dias 6,7 e 8 de novembro de 1979. Foi mantido o estilo de linguagem falada.

** Psicólogo do ISOP.

pensou nisso, mas existe. Deverá ser a informação compulsória, ou livre, democrática? Devemos impingir a informação ou devemos deixar que cada um use dela na medida de suas necessidades? E os aspectos éticos da informação ocupacional? Eu tenho visto barbaridades e ninguém levantou ainda essa preocupação ética. O que devemos fazer? Quais são os preceitos éticos da informação ocupacional?

Assim, como a metodologia da informação ocupacional, existe uma metodologia tradicional; será que essa é a mais válida? Será que essa é a que devemos consagrar? Será que não existem outras formas de se proceder a informação ocupacional?

Bem, a informação ocupacional está situada no contexto psicossocial. Ela surgiu de uma necessidade da própria orientação profissional e foram os psicólogos que levantaram o problema. Agora, ela também está servindo à orientação educacional no processo de ajustamento do aluno à escola. Ela está servindo também à comunicação de massa, ou seja, sensibilizar um grupo, fazer com que a comunidade se conscientize do problema da profissionalização. Infelizmente o Governo ainda não entendeu isso; vamos discutir isso um pouco mais adiante, defendendo a tese de que a informação ocupacional pode e deve ser programa de governo. Para não deixar em *suspense*, vamos dar um exemplo: agora mesmo o Governo está todo voltado para o campo, com a campanha "plante que o João garante". Essa motivação, esse incentivo para a volta ao campo; que o homem deve plantar; que as terras devem ser cultivadas; que devemos desenvolver a agricultura, está sem o apoio e reforço de um programa de informação ocupacional, nos diversos níveis.

Como disse no início, vou atuar como advogado do diabo, vou levantar e criar problemas e colocar em dúvida muita coisa. No entanto, gostaria de criar condições para que vocês, que vão trabalhar nos grupos, tenham saída para esses problemas; encontrem soluções e procurem debater essas soluções e as tragam a plenário. A intenção do nosso seminário é a de colocar em crítica a informação ocupacional. Pequenos grupos estudam determinados aspectos; o plenário depois de manifestar visão mais ampla – porque o próprio grupo pode ter visão unilateral – também pode ter, vamos dizer assim, uma percepção não total do problema; assim, em plenário poderíamos abranger ou ampliar mais essa visão.

Então vamos ver se colocamos, não num sentido histórico, mas talvez no sentido operacional, a trajetória da informação ocupacional.

A primeira questão que eu me pergunto e sempre me perguntei, é: Por que a informação ocupacional demorou tanto a surgir? Apesar de ser um procedimento e uma operação tão simples, ela demorou imensamente a aparecer na nossa realidade.

O Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), por exemplo, foi criado em 1947, só depois de 50, quase 60, é que começou a aparecer a informação ocupacional. Antigamente eu criticava o brasileiro, dizendo que o achava o subdesenvolvido sofisticado; quer dizer, procurou-se técnica mais complicada e deixaram-se de lado os procedimentos mais simples. Depois penitenciei-me porque, de fato, no mundo inteiro, a orientação profissional se desenvolveu de

uma forma imensa e a informação ocupacional veio à reboque, mas muito depois. No ISOP, quando começamos a fazer a informação ocupacional foi por preocupação dos orientadores, que viviam certas situações cruciantes. Muitas vezes, nós, orientadores, dissecávamos o orientando de uma forma maravilhosa, conhecíamos tudo do indivíduo e tínhamos um ótimo diagnóstico, mas nos perguntávamos: e agora, o que indicamos? Não encontrávamos uma saída, ou seja, o que fazer com aquele potencial. Nós mesmos desconhecíamos muito da realidade ocupacional existente.

Também verificamos, quando começamos a fazer o levantamento do motivo da vinda do orientando ao ISOP, na entrevista inicial, ou seja, de colocação do problema da orientação, por que ele procurou o ISOP. Confirmamos que grande percentual, não sei exatamente se era 80 ou 70%, dos indivíduos vinham por falta de informação profissional. Eles não conheciam, não sabiam; então procuravam a instituição que poderia informá-los a respeito de profissões. Isto nos preocupou, pois o indivíduo queria mais uma informação do que propriamente orientação.

Então começamos a nos preocupar com um processo de informação e fizemos diversos procedimentos dentro da orientação. O tradicional era informar o indivíduo depois do conselho. Fazíamos uma análise exaustiva do indivíduo e dávamos a informação depois do conselho. Fizemos informação do indivíduo durante a orientação, à medida que ele estava fazendo o teste estava sendo informado. E também informamos o indivíduo antes da orientação. Infelizmente, não houve um sentido de pesquisa, de ver qual o processo melhor. Mas notávamos um aspecto significativo: aquele indivíduo que vinha para orientação e que não era por falta de informação, geralmente, o problema dele não era profissional, era existencial, familiar, social ou sexual, mas não profissional.

Resolvemos então fazer uma experiência. Se a maioria vinha por falta de informação íamos dar a informação ocupacional, e verificar se nesses indivíduos persistia a necessidade de orientação profissional. Surgiram os primeiros cursos de informação ocupacional, onde dávamos a sistemática de informação ocupacional, ou seja, o objetivo do curso, o que era motivação para escolher profissão, o processo da escolha e as informações ocupacionais.

Os primeiros cursos de informação ocupacional foram destinados ao curso ginasial. No final do ginásio havia aquela célebre escolha: científico, clássico ou curso técnico (industrial, comercial, agrícola), normal ou os cursos militares. Naquela época havia preconceito quanto aos cursos técnicos. Começamos a verificar que muitos alunos que faziam o curso de informação ocupacional não queriam mais fazer a orientação.

Bem, aí começamos a nos preocupar com a própria orientação, no sentido de: Qual é o melhor momento para a orientação? É o primeiro problema que eu coloco aqui. Até agora o indivíduo ao chegar a um momento da vida tem que escolher a profissão. Será que isso é válido? Será que isso é intrínseco ao próprio indivíduo ou é uma contingência social? No momento temos a contingência do

vestibular. Então, todo mundo se preocupa com o problema da escolha profissional à medida que se aproxima do vestibular.

E, a propósito, quem está lidando com o aluno de faculdade vai encontrar uma coisa estranhíssima, que é outro problema que coloco aqui: com toda divulgação de massa que estamos tendo através de jornal, cinema, televisão, tudo isso fazendo informação ocupacional dirigida para um público cativo, que é o público de vestibular, com toda essa divulgação feita por órgãos especializados, por exemplo Cesgranrio, verificamos que o aluno entra na faculdade e desconhece inteiramente a profissão escolhida.

Há alguma coisa que está errada. Se o aluno foi informado, o que está acontecendo? Comprovei-o, pois sou orientador na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, e trabalho no aconselhamento de alunos. A maioria dos alunos, do primeiro ano ao oitavo período, ainda não sabe exatamente o que é comunicação social, o que é editoração, o que é jornalismo etc. Então, está havendo alguma coisa errada. Será que a informação não está adequada?

Bem, voltando ao que estávamos analisando, eu disse que estamos preocupados com esse momento da escolha profissional. A sociedade, o grupo ou contingência educacionais, criam um momento de opção, que acredito não exista no ser humano. Ele está pressionado para isso. Para mim a orientação é um processo. Há dois anos fizemos um trabalho muito bonito com a Secretaria Municipal de Educação. Temos aqui colegas com quem trabalhamos juntos sobre essa preocupação de começarmos a informação na primeira série do primeiro grau. Criar condições para que o aluno comece a se conscientizar do problema da escolha profissional quando entra para a escola. Mas isso parece que não tem ainda surtido muito efeito, ou seja, não se desenvolveu muito essa preocupação. Então, qual seria esse processo de orientação e informação ocupacional? Como iremos atuar no processo? Com que técnicas? Diretivas, não diretivas? Creio que devemos colocar tudo isso em crítica.

Parece que há uma preocupação nos orientadores de conhecer a "caixa preta", ou seja, de desvendar os problemas do *eu*. Há tanta preocupação com isso que esquecemos outros procedimentos. Como eu disse, nós do ISOP também tivemos essa preocupação de levantar aptidões, interesses, vida do indivíduo. Eu me lembro de um curso de orientação profissional; eu estava dando o processo da entrevista na orientação profissional, e listando os tópicos. Nisso o Dr. Vital entra e começou a assistir a aula. Eu estava no final da apreciação da vida do indivíduo e comentava a vida sexual. Ele ficou horrorizado e disse: Cavaliere, para fazer orientação profissional você precisa saber da vida sexual do indivíduo? Isso é absurdo! Eu respondi: mas é o processo, Dr. Vital! Nós temos que ter um conhecimento total do indivíduo. Hoje eu me pergunto: será que é preciso mesmo? Então fica a dúvida.

Outra preocupação nossa é o problema da decisão. Quando fazemos orientação, geralmente, transferimos a decisão da escolha do indivíduo para nós. É muito

fácil para o indivíduo dizer: "Olhe, Cavaliere, tô eu aqui, você decide a minha vida profissional". Faço um diagnóstico e traço um perfil maravilhoso e digo: olhe, você tem que ser isso, tem que ser aquilo. Se ele tem sucesso os louros são de quem? Dele! Se ele não teve sucesso, pobre do Cavaliere: "disse que eu tinha que fazer isso, não deu certo, não tem mercado de trabalho, não consigo emprego . . ." A responsabilidade é muito grande, e, à medida que envolvemos o indivíduo no processo decisório, maior interesse ele tem; então maior será a participação dele. E com isso nós criamos uma maior responsabilidade no processo de orientação.

Bem, já viram que até aqui temos uma carrada de problemas, mas não é só isso, existe também a segurança na escolha. Esse é o problema capital. Como é que nós podemos ter segurança na escolha? Nem a testologia nos dá essa segurança. Podemos aplicar baterias de testes de inteligência, de interesses, de aptidões, de tudo enfim, e teremos uma idéia mais ou menos vaga do que é o indivíduo. Vocês já viram a minha posição a respeito da testologia. Acredito nos testes quando usados dentro de medidas de segurança, mas muita gente se apóia inteiramente neles. Eu vi, muitas vezes, um indivíduo, por não ter bom rendimento em raciocínio mecânico, não poder fazer engenharia, ser ela contra-indicada. Ora! eu posso fazer engenharia com raciocínio mecânico nulo, se tiver raciocínio numérico e um pouco abstrato. Faço qualquer engenharia desse mundo. Ah, fulano não tem interesse! Não há coisa mais inconsistente do que essa questão de interesses. Às vezes, o indivíduo não está interessado porque tem preconceito, ou desconhece completamente a questão, o campo, o assunto etc. Então, fica o problema. Qual é a segurança que temos? E se deixarmos a cargo do indivíduo, qual é a segurança que ele vai ter? Sintetizando, temos as duas vertentes, como diz o nosso querido Prof. Seminério: a vertente do conhecimento de si mesmo, e a vertente do conhecimento do mundo ocupacional. Até agora temos trabalhado em cima da vertente do conhecimento de si mesmo. Foram os psicólogos e os orientadores que se debruçaram a esmiuçar todo esse conhecimento do indivíduo, e em cima desse conhecimento armaram a orientação profissional. Em dado momento, sentiram o problema e deram uma guinada: vamos dar ao indivíduo o conhecimento do mundo ocupacional.

Temos aí um problema filosófico: existe ou não um determinismo na escolha profissional? É comum dizermos: não existe fatalismo profissional, ninguém está "fatalizado" para esta ou aquela profissão. Não existe um determinismo, mas existe uma inclinação para este ou aquele campo profissional. De fato, se cada um de nós é uma equação, essa equação determina alguma orientação, algum sentido. Estamos ou não estamos determinados? Então, o grupo que vai estudar a conceituação, a filosofia, vai ter que levar em conta esse dado, essa situação.

Bom, colocado isso, vamos tentar dizer o que é informação ocupacional. Falou-se em informação ocupacional, em informação profissional, em informação vocacional. Vamos ver qual é a mais adequada. Parece-me que ocupação é muito mais amplo do que profissão. Profissão é um aspecto regulamentado e ocupação não. Vocação quer dizer voz interior, pode ser até que seja verdadeiro, dentro

daquele sentido determinista. É possível que a gente tenha uma voz interior que nos encaminhe, que nos leve para determinados campos profissionais. Então, vamos colocar isto em discussão. No *Dicionário de Comunicação*, do Prof. Carlos Alberto Rabaça, fui buscar o verbete informação. O verbete está catalogado na comunicação mesmo, na cibernética, no jornalismo e na editoração.

Na comunicação, informação quer dizer: "ato ou efeito de emitir ou receber mensagens". Pode ser também conteúdo de mensagem emitida ou recebida. Como também pode ser: medida de uma possibilidade de escolha de seleção de uma mensagem. Vem ao encontro do que seja informação ocupacional. Informação é um efeito de emitir e de receber mensagem. Quando informamos, estamos emitindo e recebendo mensagens. É também o conteúdo de uma mensagem.

Na informação ocupacional, transmitimos alguma coisa. E é também medida de possibilidade de escolha e seleção da mensagem. Lançamos diversas mensagens e damos ao indivíduo a possibilidade de selecionar aquelas que mais lhe interessam.

Em cibernética, informação quer dizer instrução codificada. Quer dizer significado atribuído a dados ou coleção de fatos, ou dados fornecidos à máquina e, ainda mais, um dado que representa algum valor para uma solução específica.

Em jornalismo, informação quer dizer, notícia publicada a alguém ou ao público.

Em editoração quer dizer, noção, idéia ou mensagem contida num documento.

Portanto, estão vendo que nossa informação ocupacional é informação mesmo e é mais, é comunicação. Então, aquela conotação de que a informação ocupacional era um procedimento psicológico e/ou educacional, eu vou contestar. A informação ocupacional é um procedimento de comunicação social e como tal deveria ser tratada pela comunicação social.

Foi por isso que eu disse que ia pôr em dúvida tudo feito até agora em informação ocupacional. De fato, tudo tem muito valor como início, mas tem sido feito sobre um prisma diferente daquele que deveria ser.

Temos tratado a informação ocupacional como dado psicológico, como dado de orientação educacional, por isso estamos tratando a informação ocupacional sem o rigor científico de comunicação social. Acho que essa nossa colocação da informação ocupacional tenha sido por deformação profissional como também por falta de conhecimento do processo da comunicação social.

Estive fazendo uma análise do ensino, nos diversos níveis, pelo menos do meu tempo, e verifiquei que a gente aprende uma porção de coisas, é educado, é burilado, é cobaia de uma série de métodos de aprendizagem, mas só vai tomar conhecimento de como é o processo de aprender na faculdade. Nunca, e não sei se agora acontece isso, no primário, no primeiro grau, segundo grau, em qualquer época da escola, dizemos ao ser humano, como é que é aprender, o que é aprender, ou melhor, "aprender para aprender. . ."

Como é que uma idéia, um pensamento, uma imagem passa da minha cabeça ou da realidade e vai para cabeça do outro? Como é esse processo de aprender, de criar o mundo inteiro de cada um?

Não sei se isso agora se ensina, pelo menos o português mudou de nome, é comunicação e expressão, não sei se na nova disciplina esse mecanismo é explicado. Eu sei que se ensina nas faculdades de psicologia, filosofia e educação. Mas se isso depois é ensinado aos alunos que estão sofrendo o processo, acho que não... Ensinamos uma série de coisas, mas o "pulo do gato" nós não damos. O mesmo está acontecendo com a informação ocupacional. Nós estamos dando uma montanha de informações, mas não estamos dando os mecanismos de como utilizá-las. Será que essa deficiência justifica esses problemas que estamos encontrando nas faculdades?

Sabemos que o homem vive em três realidades. A realidade física, a realidade psíquica e a realidade social. O mundo psíquico se desenvolve porque existe o contato social, ou seja, através das nossas habilidades, que são os nossos meios de comunicação, entramos em contato com outras pessoas. Se fôssemos inteiramente fechados, se não houvesse nenhuma comunicação, se nascêssemos sem nenhuma possibilidade de nos comunicarmos, não haveria desenvolvimento desse mundo interno. Ele ficaria latente e não haveria realidade social, porque não haveria essas trocas entre as realidades pessoais. Em síntese, é o processo de socialização, que decorre do contato social.

O ser humano é uma fonte que emite alguma coisa e recebe algumas coisas de um para outro ser humano. Pode ser um indivíduo ou um grupo, que recebe e também transmite. São denominados a fonte e o receptor. Entre eles dois existe o que chamamos de "canal". Aqui, por exemplo, eu estou emitindo a minha voz, que utiliza um canal, que é o ar. Se estivéssemos no vácuo, eu poderia falar mas não chegaria aí, portanto, não se complementaria a comunicação.

Esse processo da comunicação social ainda tem alguma coisa mais que é o meio sócio-cultural que nos cerca, que é o repertório. Tudo depende do repertório no qual estamos inseridos, que é a fonte e o receptor. Esse ponto de contato seria, por exemplo no nosso caso aqui, a língua portuguesa. Eu estou falando entre nós. Outro contato é a proximidade física, se vocês estivessem a 50 mestros não estariam ouvindo a minha voz e assim por diante. Então vamos tentar analisar rapidamente para ver que a nossa informação ocupacional não está de acordo com o aspecto científico da comunicação social.

Disse que em comunicação temos um emissor, o qual tem suas habilidades comunicativas, que é tudo aquilo que ele consegue exteriorizar e a forma como ele utiliza essas habilidades. Vou dar um exemplo, o que sempre uso, e acho que é o melhor para explicar o processo: Eu sou a fonte, vocês são a recepção, o paciente. Vamos dizer que eu estivesse com um forte sentimento de agressividade. Estou cheio de raiva e tenho que transmitir essa agressividade para vocês. Posso transmitir essa agressividade utilizando mensagens e canais diversos. Posso, sem sair de mim, fazer cara feia, cara de mau. Então codifiquei na minha cara feia a minha

agressividade. Essa careta vocês vão ter que decodificar. No nosso meio, cara feia quer dizer que o indivíduo está com raiva, agressivo.

Com relação à própria fonte, temos aspectos de atitudes com relação à própria comunicação. Vejam o que acontece quando estamos fazendo informação ocupacional, por exemplo: atitude para consigo mesmo da própria fonte. Quando temos que dar informação a alguém e estamos bem dispostos, agradavelmente colocados na função, qual é a atitude que temos para com a informação? Maravilhosa. Outra atitude é para com a mensagem. Isto é comum no informador. Quando o informador gosta daquilo que está informando ele diz que é maravilhoso, que é isto, que é aquilo outro. Quando ele não gosta, o que é que ele faz? Para não ser muito parcial, ele omite uma série de coisas. Então, nós vamos ver que o indivíduo fala meia hora sobre uma profissão, e um ou dois minutos sobre outras.

Para com o canal também temos atitude positiva ou negativa. Para com as monografias, para com os filmes, para com as palestras etc.

Outra atitude é da fonte para com o próprio receptor e vice-versa. Quantas vezes o orientador rejeita o seu orientando. Quando damos informação coletiva e encontramos um ambiente atento, o que acontece com essa informação ocupacional? Oh! ela cresce, e nós vamos dar tudo. Mas se encontramos certa rejeição? Ela murcha, fica presa, some o brilho e fica desinteressante.

Os níveis de conhecimento: isso é uma coisa que me preocupa terrivelmente. Resolvemos que a informação ocupacional é esse amontoado de dados que divulgamos e nunca nos preocupamos se isso é exatamente aquilo que os alunos estão esperando e de que necessitam. Será que estamos falando a mesma linguagem deles? O ISOP há tempos fez um levantamento de tudo o que se fazia pelo menos nos EUA e na França sobre informação ocupacional e recebeu uma pesquisa de San Diego muito interessante. Eles fizeram um questionário perguntando ao público de informação ocupacional o que eles queriam de informação ocupacional e como queriam receber a informação, no momento. Isso é o ideal, só assim se chegaria a uma conclusão... Creio que estamos gastando tempo, espaço e dinheiro com chumbo grosso, estamos fazendo caça com tiro de chumbo grosso, para ver onde acertamos. Não estamos fazendo um trabalho científico, dirigindo nossa mensagem para um público específico. Estamos inclusive desgastando a informação e dando uma visão errônea do que ela seja.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração são os sistemas sociais em que a informação ocupacional está inserida. Temos que caracterizar esses sistemas sociais. Que tipo de informação devemos dar na Cidade de Deus? Que tipo de informação melhor atenderia ao pessoal do curso técnico? Então, temos que levantar, temos que prestar atenção, fazer estudos com relação a esses aspectos.

Estamos codificando certo as nossas mensagens? A ordenação dessa mensagem está certa? Eu e a Profa. Nilda temos posições contrárias quanto a se colocar as aptidões e os interesses na monografia. Não tem os meios de checar, de medir, de levantar, e o dado se perde ou é restritivo.

Prefiro dar uma informação mais simples, mais operacional, mais objetiva do que fazer uma coisa muito bonita, mas que não funciona em termos de ajudar o aluno. É preciso estar atento à codificação da mensagem, os elementos que ordenam essa mensagem, ao conteúdo, enfim, ao tratamento que vamos dar à mensagem.

Quanto à metodologia, qual seria a melhor? Qual é a mais adequada? Nós temos usado tudo de uma forma aleatória, quando deveríamos usar pelo menos com bom senso, já que se pode arrumar todas essas variáveis de forma mais científica.

Qual é o tipo de canal que devemos usar? Hoje temos um canal maravilhoso, que é o chamado 4.º poder, a comunicação de massa. Será que a gente pode reduzir toda a informação ocupacional a comunicação de massa? Seria muito prático, mas será que as mensagens de comunicação de massa são adequadas a todos os públicos? Será que na comunicação de massa eu informo o essencial, o que precisaríamos dar ao nosso público? Não sei . . .

Outro problema muito sério é o da realimentação. Na informação ocupacional somos soberanos, atuamos como se fôssemos um farol todo-poderoso dando luz em quantidade mas não recebemos nada, nem queremos saber do recebimento da mensagem. Pesquisa de seguimento não se faz nessa terra, é a coisa mais difícil. Fiquei horrorizado na faculdade de comunicação quando vi que um aluno que entrou no vestibular, estudou o ano todo, competiu com muita gente, abraçou aquela profissão e não sabe o que é a profissão. Então, alguma coisa está errada. Mas informação sobre esse problema não existe. Por que não estamos sendo realimentados? Outra preocupação.

Para finalizar, teríamos que conceituar a informação ocupacional. No aspecto funcional, é um processo de comunicação sistematizada das ocupações e de suas implicações. Mas será só isso? Operacionalmente, informação ocupacional é definida como um processo de coleta, pesquisa, divulgação de dados sobre as ocupações, suas características funcionais especiais, suas distribuições na sociedade, suas alterações no tempo e demais implicações decorrentes do mercado de trabalho, bem como as perspectivas individuais de formação, ingresso, evolução e demais relações com o sistema educacional, tendo em vista a adequada integração do indivíduo na sociedade.

Temos um processo complicadíssimo que é, primeiro, o levantamento dos dados. Todo dia descobrimos, infelizmente, que não temos conhecimento de toda realidade ocupacional brasileira. Existem aspectos que desconhecemos por completo. Quem será responsável por esse levantamento? Segundo, pela coleta dos dados; terceiro, pelo tratamento desses dados. Então não basta chegar e dizer existe isso, aquilo e aquilo outro. Como é que nós vamos tratar? Quais são os dados essenciais que devem ser registrados?

Creio que os culpados são os psicólogos. Não há difusão da profissiografia, ou seja, dos estudos profissiográficos. Existem muito poucos estudos e há pouco

interesse pelo estudo científico do trabalho. A informação ocupacional é alimentada também por esses estudos.

E o armazenamento? Onde nós vamos armazenar essas informações? De que forma vamos colecionar essas informações? E por último, a veiculação, quem é que vai ser responsável por isso?

Então eu pergunto: será que a responsabilidade cabe ao Estado? Até agora ele não se mostrou sensível. Quando participei da Assessoria Especial das Relações Públicas, da Presidência da República, o então Coronel Otávio Costa, atualmente general, se sensibilizou pelo problema e tentou fazer um grupo de trabalho interministerial. Chegamos a fazer o decreto presidencial para a criação do grupo, mas, como sempre, quando surge alguma coisa nova, há briga para ser o dono. O Ministério do Planejamento disse que era dele, o do Trabalho disse que não abria mão e o da Educação disse que o assunto era Educação... E o grupo nem foi criado... Depois levamos ao INEP que se sensibilizou. Foi feito um projeto maravilhoso, um pouco mais amplo que a informação ocupacional, para a criação de um sistema de informação educacional, onde a informação ocupacional estaria inserida. Esse trabalho foi feito, gastou-se tempo e dinheiro, e está parado em alguma gaveta, em algum escalão superior.

Então, será responsabilidade do estado, do MEC, do MTb, de outro órgão qualquer do Estado? Será responsabilidade das associações de classes? Serão os sindicatos, as associações profissionais, que deverão fazer a informação ocupacional? Será responsabilidade de instituições especializadas, como os institutos de orientação, os serviços de informação? Será responsabilidade de órgãos de comunicação social, como os jornais, as revistas, as televisões etc? Será responsabilidade das famílias? Então é a família que tem essa responsabilidade de levar aos seus membros a informação ocupacional? Ou isto é uma responsabilidade íntima, de cada indivíduo?

Para finalizar, abordaremos o problema ético. Há falta de análise crítica das nossas mensagens e do nosso procedimento ético na informação ocupacional, principalmente sobre a veracidade das nossas informações. Temos veiculado informações inverídicas. Primeiro, por desconhecimento mesmo. Os livros da Profa. Nilda já foram copiados e recopiados, desse e daquele jeito. As vezes, a inverdade é involuntária. Outras, é forçada por contingências. Eu vou contar um caso de que participei, e que foi muito desagradável. Quando estávamos fazendo os filmes sobre informação ocupacional, tínhamos a supervisão do Ministério da Educação, porque os filmes eram financiados pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo. Uma das habilitações é o técnico em curtume; então foram filmar um curtume. Quando lá chegamos, caímos duros: o calor era uma coisa assombrosa, o cheiro do couro em tratamento era de matar, a evaporação pegajosa que a gente sentia daquelas substâncias gordurosas, que ficam no ar, era horrível. Quando o supervisor do MEC olhou aquilo, disse que não poderíamos mostrar daquele jeito. Era, de fato, um atentado às condições humanas de trabalho, mas era a realidade. Bem, vocês vão ver o filme. A seqüência do curtume é a coisa mais linda desse mundo.

Todo mundo trabalha de camiseta branca e as cores são lindas. Eu compactuei com tudo aquilo. Ou eu deixava sair assim, ou não saía... Quantas vezes compactuando com inverdades?

Falta de dados, dados incompletos e muitas vezes o florear e o inventar levam o orientador a dizer bonito e criar uma série de coisas que não correspondem à realidade. Da mesma forma, o nível da adequação da mensagem ao público a que se destina é muito importante. Que tipo de mensagem e em que quantidade?

Bom, acredito que tenha dado uma "montoeira" de problemas para vocês. Estarei à disposição dos grupos ou das pessoas. Espero que o trabalho seja maravilhoso, acredito que sim e só posso desejar boa sorte e muito obrigado.

REVISTA DE PSICOLOGIA GENERAL Y APLICADA

Director: José Germain

Consejo Científico: José Ortega Gasset †, Gregorio Marañon †, Juan Zaragüa, Manuel Soto

Secretarios: José M. Sacristán †, Ricardo Ibarrola

Redacción: Julián Marías, José Mallart, Mariano Yela, Eusebio Martí Lamich †, José López Mora

Psicología General, Experimental,
Psicología Aplicada a La Medicina, Pedagogía,
Industria y Ciencias Económicas y Sociales.

En sus páginas encontrará el lector artículos de gran valor científico, comentários de especial interés o actualidad sobre libros, tests y dispositivos experimentales, y además una extensa y selecta información bibliográfica y clínica.

Publicación Trimestral: 1000 páginas al año y un número extraordinario. Suscripción para España e Hispanoamerica 300 pesetas, para el extranjero 6 dólares, número suelto 75 pesetas.

DIRECCIÓN, REDACCIÓN Y ADMINISTRACIÓN

INSTITUTO NACIONAL DE PSICOLOGÍA APLICADA Y PSICOTECNÍA,
J. HUARTE DE SAN JUAN I CIUDAD UNIVERSITARIA, MADRID – 3
Teléfono 243 68 00